

• • • Isaías 64 • • •

UMA SÚPLICA A DEUS EM ORAÇÃO

O povo de Deus ansiava por Sua presença e Sua misericórdia. Mesmo tendo sido infieis a Ele, queriam que Ele fosse fiel cuidando deles. Por isso, Isaías orou para que o Senhor não desamparasse Judá. O profeta confessou os pecados do povo e pediu perdão, reconhecendo que Deus estava no controle.

“SENHOR, DESCE”: UM ROGO PELA PRESENÇA DE DEUS (64:1–4)

¹Oh! Se fendesses os céus e descesses!
Se os montes tremessem na tua presença,
²como quando o fogo inflama os gravetos,
como quando faz ferver as águas,
para fazeres notório o teu nome aos teus adversários,
de sorte que as nações tremessem da tua presença!
³Quando fizeste coisas terríveis, que não esperávamos,
desceste, e os montes tremeram à tua presença.
⁴Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu,
nem com os olhos se viu Deus além de ti,
que trabalha para aquele que nele espera.

Na verdade, o versículo 1 é o último versículo do capítulo 63 na Bíblia hebraica. J. Alec Motyer salientou que a partícula *lu'*, que inicia o versículo, exige uma referência de passado: “Oh! Se fendeste...”¹ Isaías estava falando novamente da experiência trágica no passado de Israel, que poderia ter sido bem diferente “se” o povo tivesse

obedecido a Deus (48:18). A “presença” do Senhor estivera ali todo o tempo; eles é que, por rebeldia, se separaram dEle. (Veja 59:1, 2.)

A presença do Senhor é comparada a um fogo consumidor (v. 2), uma figura usada frequentemente em Isaías. Essa imagem poderia representar ou a proteção divina ou o Seu julgamento².

Reportando-se a Deus, Isaías referiu-se a um tempo “quando fizeste coisas terríveis, que não esperávamos...” (v. 3). A referência aqui é aos atos poderosos de Deus no êxodo. O monte Sinai “tremeu grandemente” quando Senhor chamou Moisés para lhe passar a Lei (Êxodo 19:18). O povo ansiava por testemunhar atos semelhantes da parte de Deus em favor deles. “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti” (v. 4a). “Nem a história... nem a revelação... nem a percepção... trouxeram à luz algum outro Deus.”³ Não há Deus além do Deus verdadeiro, “que trabalha para aquele que nele espera” (v. 4b). “Esperar” para o Senhor implica o tipo de confiança que permite nos entregarmos a Ele por toda a vida⁴. É satisfazer-se com “o cronograma de Deus” e não o nosso.

“SENHOR, PECAMOS”: UMA CONFISSÃO DE PECADOS (64:5–7)

⁵Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça,
daqueles que se lembram de ti nos teus cami-

¹J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 518.

²Veja Isaías 4:5; 9:19; 10:16; 30:27, 30; 33:11.

³Motyer, p. 519.

⁴Gênesis 49:18; Salmos 25:5, 21; 27:14; 37:7.

nhos;
eis que te iraste, porque pecamos;
por muito tempo temos pecado
e havemos de ser salvos?
⁶Mas todos nós somos como o imundo,
e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia;
todos nós murchamos como a folha,
e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam.
⁷Já ninguém há que invoque o teu nome,
que se desperte e te detenha;
porque escondes de nós o rosto
e nos consumes por causa das nossas iniquidades.

Os versículos 5 a 7 expõem o que a comunhão com Deus requer. Isaías disse: “Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça, daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos” (v. 5). A presença de Deus é experimentada pelos que fazem a Sua vontade. Enquanto os discípulos fieis se regozijam em andar com Deus e cumprir Seus mandamentos; a maioria de Israel estava arruinada pelo pecado. “Mas todos nós somos como o imundo” (v. 6a), lamentou o profeta. “Imundos” (טָמֵא, *tame’*) era o aviso do leproso quando caminhava pelas ruas (Levítico 13:45). Ele era considerado desqualificado para participar da adoração coletiva.

Isaías continuou: “E todas as nossas justiças [são], como trapo da imundícia” (v. 6b). Segundo o termo hebraico usado na frase, até os melhores feitos do povo culpado eram como um trapo manchado do sangue menstrual de uma mulher. Na ótica divina, “murchamos” como folhas mortas, “e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam.”

Refletindo no comportamento de sua nação inconstante, Isaías confessou: “Já ninguém há que invoque o teu nome”. O afastamento do Senhor era total. Os pecados do povo os separaram dEle. Isaías deixou claro que a culpa não estava em Deus: “...as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (59:1, 2; grifo meu).

**“SENHOR: EIS O TEU POVO”:
UM CLAMOR POR MISERICÓRDIA
(64:8–12)**

⁸Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai,
nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro;
e todos nós, obra das tuas mãos.

⁹Não te enfureças tanto, ó Senhor,
nem perpetuamente te lembres da nossa iniquidade;
olha, pois, nós te pedimos: todos nós somos o teu povo.
¹⁰As tuas santas cidades tornaram-se em deserto,
Sião, em ermo;
Jerusalém está assolada.
¹¹O nosso templo santo e glorioso,
em que nossos pais te louvavam,
foi queimado;
todas as nossas coisas preciosas se tornaram em ruínas.
¹²Conter-te-ias tu ainda, ó Senhor, sobre estas calamidades?
Ficarias calado e nos afligirias sobremaneira?

Não se faz neste texto nenhuma alegação de justiça ou mérito pessoal. Em vez disso, encontramos um pedido humilde a Deus como o “Pai” que gerou o povo (v. 8). Ele também é comparado a um “oleiro” que poderia moldá-los no que quisesse. (A mesma imagem é sugerida em Jeremias 18:1–6.)

..... DEUS E O FOGO

Em Isaías, a presença do Senhor é descrita como um fogo consumidor e Sua ira é associada a chama e fumaça (veja 4:5; 9:19; 10:16; 30:27, 30; 33:11). Novamente, em 64:1 e 2, o fogo representa a Sua presença.

.....

Um apelo urgente aparece na última parte do versículo 9. Uma tradução literal seria: “Eis, veja, oramos, Teu povo—todos nós”. É uma admirável confissão.

A destruição efetuada pelos inimigos de Israel na terra e no monte Sião, em Jerusalém, é recon-tada vividamente (v. 10). “Deserto” e “assolada” denotam o que restaria. Isaías disse: “O nosso templo santo e glorioso... foi queimado” (v. 11). Muitos comentaristas veem nessa frase uma prova de que Isaías não escreveu esta parte do livro. Todavia, sendo um profeta inspirado, ele podia escrever sobre acontecimentos futuros como se estes já tivessem acontecido⁵. Certamente, a destruição causada pela invasão do inimigo, particu-

⁵Os gramáticos do hebraico chamam isso de “pretérito perfeito profético”: um acontecimento futuro descrito como tendo ocorrido completamente. Kyle M. Yates denominou isso de “pretérito perfeito da profecia”. Esse “pretérito perfeito” retrata vívida e enfaticamente a confiança do falante no cumprimento de determinada predição. (Kyle M. Yates, *The Essentials of Biblical Hebrew*, rev. ed. John Joseph Owens. Nova York: Harper & Brothers, 1954, p. 134.)

larmente os assírios, não deixou dúvidas de que ocorreria uma destruição total das cidades capturadas.

Em face desse acontecimento vindouro, Isaías indagou ao Senhor: “Conter-te-ias tu ainda, ó Senhor, sobre estas calamidades?” (v. 12) O verbo hebraico é o mesmo usado em 63:15b, em que lemos: “A ternura do teu coração e as tuas misericórdias se detêm para comigo!” Este é um grito de ajuda de um povo atribulado.

PREGANDO O TEXTO

... PARA AQUELES QUE ESPERAM ... (Capítulo 64)

Isaías 64:5 é difícil de ser traduzido e várias versões dele tem surgido por conta disso. Todavia, a ideia da primeira parte do versículo parece evidente: “Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça, daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos” (v. 5a). No versículo 4c, Deus é descrito como o Deus “que trabalha para aquele que nele espera”. Juntas, essas duas ideias formam um resumo sucinto da teologia da espera em Deus. Analisemos, então, as dinâmicas desta relação.

Andar com Deus envolve esperar em Deus. O capítulo 64 começa com um apelo para que Deus aja: “Oh! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes tremessem na tua presença” (v. 1). O povo de Deus não via a poderosa mão de Deus operando havia tempos. Eles ansiavam por vê-la novamente. As circunstâncias espirituais de Judá o colocaram na postura de esperar que Deus agisse.

Devemos nos lembrar de que Deus se move no Seu próprio cronograma e de acordo com os Seus propósitos. Ele jamais desprezará alguma de Suas promessas nem trairá a confiança de Seus fieis, mas Ele opera Suas maravilhas dentro da esfera de Sua justiça, do Seu plano, da Sua vontade e do Seu amor.

Os atos de Deus geralmente são restringidos pela pecaminosidade do Seu povo. Era esse o caso na situação descrita neste capítulo. Deus fora abandonado pelo Seu povo, e tal rebeldia impediu-O de manifestar o Seu grande poder em favor deles. O povo precisava reconhecer: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um

vento, nos arrebatam” (v. 6).

..... UMA PÉROLA DE VERDADE

Deus ouve os pedidos de
misericórdia do Seu povo
(64:8, 9).

.....

Generalizando radicalmente, Isaías disse que Judá estava espiritualmente morta: “Já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte e te detenha” (v. 7a).

Quem, então, se surpreenderia com o fato de Deus não ter agido? A justiça de Deus impediu-O de mostrar o Seu poder ao Seu povo infiel.

Enquanto esperamos no Senhor, devemos nos arrepender e demonstrar justiça. Vejamos novamente a primeira parte do versículo 5: “Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça, daqueles que se lembram de ti nos teus caminhos”. De fato, este capítulo inteiro projeta o espírito de confissão e contrição. O escritor disse: “Porque escondes de nós o rosto e nos consumes por causa das nossas iniquidades” (v. 7b). E continuou: “Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da nossa iniquidade” (v. 9a).

Deus tem os Seus motivos para esperar. Nós, filhos que nEle confiamos, não devemos duvidar disso. Enquanto aguardamos, podemos nos aprimorar e renovar espiritualmente. Deus sempre Se agrada quando o Seu povo se reentrega a Ele.

É certo que, no Seu tempo e à Sua maneira, Deus vai agir. Aqueles que esperam no Senhor não esperam em vão. Este capítulo parece girar em torno de uma grande calamidade, talvez a queda de Jerusalém. O texto não deixa isso claro. O escritor disse: “O nosso templo santo e glorioso, em que nossos pais te louvavam, foi queimado; todas as nossas coisas preciosas se tornaram em ruínas” (v. 11). Essas pessoas haviam presenciado um desastre sobre elas. “Será que Deus nos esquecerá totalmente?”, perguntavam a si mesmas. A resposta é um ressoante: “De jeito nenhum!”

Deus fez promessas, e Ele vai cumpri-las. Sua fidelidade é a única certeza que temos. Aqueles que esperam nEle entendem que se Deus vai mesmo agir é uma pergunta retórica. Ele *vai* agir; no fim, no tempo que Ele julgar melhor e que estiver em harmonia com Sua justiça, Ele vai agir.

Como, então, esperamos em Deus? Espera-

mos nEle confiando em Sua bondade e fidelidade. Usamos o tempo de espera para crescer em Sua justiça. Esse crescimento envolve confissão dos nossos pecados pessoais e dos pecados da nossa nação. Esperamos na crença inabalável de que Ele vai agir, sabendo que o tempo está em Suas mãos. Nós somos o barro e Ele é o oleiro. Nós oramos: “Fende os céus e desce!”, mas procuramos a resposta a nossas orações com a conscientização de que Ele responde aos que se regozijam em fazer a justiça e se lembrar dos Seus caminhos.

Eddie Cloer

ILUSTRANDO O TEXTO

... A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO ...

(63:18; 64:11)

Isaías 63:18 contém uma referência à destruição do templo: “Só por breve tempo foi o país possuído pelo teu santo povo; nossos adversários pisaram o teu santuário”. Uma afirmação semelhante é feita em 64:11: “O nosso templo santo e glorioso, em que nossos pais te louvavam, foi queimado; todas as nossas coisas preciosas se tornaram em ruínas”.

... UMA ORAÇÃO ...

(64:8–12)

A metáfora do Senhor como oleiro e do povo como Seu barro é apresentada no capítulo 64. “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos” (v. 8).

O versículo 9 diz: “...olha, pois, nós te pedimos: todos nós somos o teu povo”. Baseado nisso, o povo pediu que Deus não continuasse furioso

nem que detivesse seus pecados contra eles. Esse rogo, ou oração, visava que Deus se virasse para eles e os abençoasse.

Neale Pryor

O SERVO DE JAVÉ

Mateus 12:18 diz: “Eis aqui o meu servo, que escolhi”. Jesus é o Servo profetizado! Isaías descreveu-O. Javé escolheu Jesus. Todos os caminhos de Deus eram conhecidos por Ele desde o princípio. Ouvimos o eco da Sua voz: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu” (Salmos 40:8). Nada era grande demais para Ele fazer, pois Ele era o Criador, e nada era difícil demais para Ele, pois Ele tinha todo o poder. Nada era pequeno demais para Ele fazer; pois Ele até Se deteve para observar a pequena moeda de uma viúva e dali extrair uma lição. Que privilégio dividir com Ele o jugo do serviço!

Amado Senhor, permita-nos trabalhar contigo, o “Servo do Senhor”, hoje e assim tornar bom este dia para Ti. Em nome de Jesus. Amém.

Adaptado de Charles E. Hurlburt e
T. C. Horton

O LAGAR

Isaías 63:1–6 apresenta o Senhor como um guerreiro que chega da vingança efetuada contra Edom. A imagem é de alguém cujas vestes estão manchadas da pisadura do lagar. O Senhor sozinho, sem nenhuma ajuda, esmagou Edom. A imagem da pisadura do lagar também se encontra em Joel 3:13, Lamentações 1:15 e Apocalipse 14:19, 20; 19:15.

Jack P. Lewis

Autor: Don Shackelford

© Copyright 2005, 2010 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS